

Combinação de Orações: Gramaticalização de Fenômenos Co-ocorrentes

Edair Gorski

Introdução

O processo de gramaticalização tem sido definido de forma recorrente na literatura como uma mudança que afeta itens lingüísticos no percurso do léxico para a gramática, ou de um estágio menos gramatical para um mais gramatical. Como um aparente desvio ou alargamento dessa perspectiva, Hopper & Traugott (1993), com base em Givón (1979), sugerem que se trate também a combinação de orações sob a ótica da gramaticalização, considerando que essa proposta teórica abarca as motivações e o desenvolvimento de estruturas gramaticais em geral. Proponho-me, nesse artigo, a discutir a gramaticalização na combinação de orações como resultante da co-ocorrência de gramaticalização de itens lingüísticos, detendo-me especificamente em verbos e elementos de conexão. Ilustro a análise com sentenças complexas¹ construídas com encaixamento gradual da estrutura *para* INF como constituinte vinculado ao verbo *dar* na oração matriz², focalizando, portanto, etapas finais do processo de vinculação de orações.

A hipótese geral é que, num *continuum* unidirecional, construções relativamente livres no discurso tornam-se relati-

⁰ Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Entende-se por sentença complexa a unidade resultante da combinação de duas ou mais orações.

² Os termos oração matriz, núcleo ou principal são usados indistintamente para referir a oração a que *para* INF está vinculada.

vamente rígidas, sujeitas a restrições estruturais, caracterizando-se por diferentes graus de integração semântico-sintática, havendo uma correspondência entre a gradualidade de integração e a gradualidade de gramaticalização. Nesse contexto de vinculação sintática: a) o verbo da oração matriz vai expandindo sua significação numa abstratização crescente, migrando da categoria de verbo lexical para auxiliar; b) paralelamente a preposição vai superpondo funções semânticas e sintáticas, assumindo também o papel de complementizador e, no caso específico aqui analisado, rumando a partícula integrante do verbo. Nessa trajetória, as diferentes construções não são excludentes, mas coexistentes.

Os dados sob análise são extraídos de vinte e quatro entrevistas do banco de Dados do Projeto VARSUL (seção Florianópolis), mostrando-se a frequência de uso dessas sentenças complexas na fala, bem como seus graus de integração e sua possível trajetória de gramaticalização.

1. Combinação de orações e gramaticalização

A gramaticalização pode ser entendida como um paradigma ou como um processo. No primeiro sentido, é vista como parte da teoria da linguagem que trata dos seguintes aspectos: do surgimento das formas e construções gramaticais, de seu uso e de como modelam a língua; do caráter não-discreto das categorias; do que é mais, ou menos, fixo na língua; da interdependência entre a estrutura e o uso; da tensão entre a liberdade lexical e a restrição gramatical (Hopper & Traugott, 1993); ou, em outras palavras, da interdependência entre *langue* e *parole*, entre sincronia e diacronia. No segundo sentido, a gramaticalização pode ser tomada como o processo pelo qual itens lingüísticos se tornam mais gramaticais no decorrer do tempo (*op.cit.*), ou seja, como o processo de organização de categorias (Traugott & Heine, 1991).

A gramaticalização é considerada um tipo de mudança lingüística, estando sujeita a certos princípios gerais como transferência metafórica e metonímica, reanálise e analogia. Há basicamente duas perspectivas de abordagem: uma que considera o percurso item lexical > morfema, postulada inicialmente por Meillet (1965 [1912]); outra que focaliza o percurso discurso

> morfossintaxe, proposta por Givón (1979). No primeiro caso, um item lexical, sob certos usos, torna-se gramatical, ou um item gramatical torna-se mais gramatical ainda; no segundo caso, há uma onda cíclica que envolve: discurso → sintaxe → morfologia → morfofonêmica → zero. As duas perspectivas, no entanto, não são excludentes, podendo ser combinadas em: item lexical usado no discurso > morfossintaxe. (Traugott & Heine, 1991) Embora o percurso da gramaticalização seja proposto como unidirecional, o resultado sincrônico de etapas sucessivas de gramaticalização corresponde a "camadas" (*layering*), no sentido de que novas camadas que emergem continuamente coexistem e interagem com as mais antigas, que não são excluídas (Hopper, 1991).

Num primeiro momento, parece não haver lugar para a combinação de orações no tipo de abordagem descrito acima, uma vez que não se trata diretamente de itens lexicais mas de conjuntos estruturados de itens lexicais e gramaticais. Hopper & Traugott (1993), todavia, apoiados no percurso proposto por Givón, propõem que o processo de combinação de orações também seja tratado na perspectiva da gramaticalização, e tripartem a sentença complexa em parataxe, hipotaxe e subordinação, tipos distribuídos num *continuum* que reflete o percurso da mudança lingüística na combinação de orações. Num extremo da escala situa-se a parataxe, caracterizada pela independência, por ser núcleo, e por apresentar integração mínima e elos maximamente explícitos; num ponto intermediário a hipotaxe se caracteriza pela interdependência, tendo a margem não inserida em nenhum constituinte do núcleo (enquadram-se aqui as adverbiais, de modo geral); e no outro extremo situa-se a subordinação, caracterizada pela dependência, por ter a margem inteiramente incluída num constituinte do núcleo, e por apresentar integração máxima e elos minimamente explícitos (aqui, normalmente as restritivas e substantivas). Cada um desses três pontos escalares, por sua vez, também recobre um *continuum* de integração.

Dessa forma, as sentenças complexas podem ser distribuídas numa escala de integração, caracterizadas a partir de uma série de parâmetros semântico-sintáticos que controlam, por exemplo, o constituinte da matriz ao qual se vinculam e o

nível de vinculação sintática estabelecido; a ordem da oração marginal face à matriz; o grau de expansão/redução, indicados pela morfologia verbal e pelo comportamento do sujeito – apagado ou convertido em oblíquo; o grau de entrelaçamento, avaliado pelo compartilhamento de elementos e explicitude do conector (Lehmann, 1988). Pode-se dizer então que uma sentença complexa será tanto mais integrada quanto mais a oração marginal apresentar o seguinte comportamento: nível sintático de vinculação baixo³, variabilidade posicional restrita, morfologia verbal nominal (forma reduzida), correferencialidade de sujeito e sujeito não expresso. No caso específico das construções recortadas para análise, o verbo da oração vinculada apresenta-se na forma nominal infinitiva, desprovido de flexão, e o conector aparece sempre explícito na forma de *para* (ou de *de*, conforme discutido adiante) – portanto há presença categórica de dois dos parâmetros apontados acima.

Admite-se que os conectores derivam historicamente de outros itens, dentre eles as preposições, cujo uso, originalmente motivado pelo desejo do falante de ser claro e informativo, pode vir a servir a uma nova função, carregando para esta traços de sua função de origem. Em português, ao lado de *para* como ablativo (1) e dativo (2), o emprego mais recorrente é como preposição para indicar finalidade (3) e, por fim, como complementizador⁴ (4) (Gorski, 2000a):

- (1) Ele foi *para* São Paulo
- (2) Trouxe o carro *pra* ele
- (3) Ele nos deu a carta *pra* todos nós ler (FLP 12, L554)
- (4) Ela está ansiosa *pra* ficar grávida (FLP 20, L1201)

Assim, uma partícula que opera no nível intra-oracional encabeçando locativos com sentido relacionado à direção espacial, portanto bem concreto gera, por metáfora, movimentos gradativamente mais abstratos: ao receptor (objeto indireto ainda no nível intra-oracional) e à noção modal de finalidade (Ca-

mara Jr, 1985), passando, por fim, a funcionar, por reanálise, como complementizador⁵ (Hopper & Traugott, 1993); nesses dois últimos casos opera no nível inter-oracional. Parece evidente, pois, o papel do conector no processo de gramaticalização de sentenças complexas.

Em relação ao verbo da oração inicial, observa-se que um mesmo item verbal pode desencadear diferentes tipos de vinculação sintática das orações marginais. No caso específico de *dar para* INF, é de particular interesse a extensão de significados que vai se agregando a *dar*, de modo que este item passa a apresentar um caráter polissêmico o qual parece se refletir em diferentes graus de integração semântico-sintática. Vejam-se as ocorrências:

- (5) Ele dava tinta *pra* gente pintar (FLP 1, L1112)
- (6) O pai dava liberdade *pra* gente sair (FLP 4, L278)
- (7) O meu dinheiro dava *pra* gente viver bem (FLP 13, L411)
- (8) Na hora do pique mesmo não dá *pra* pegar ônibus (FLP 10, L896)
- (9) A gente dava *pra* repetir (FLP 18, L350)

Nos enunciados acima, *dar* exibe diferentes sentidos, que vão de 'oferecer' (5), passando pela função de verbo-suporte, semanticamente esvaziado (6) (Neves, 1996), pelo significado de 'ser suficiente' (7), depois pelo de 'ser possível' (8) e finalmente valendo como 'poder' (9). Paralelamente, as estruturas que contêm *para* INF vão alterando sua configuração sintática de tal modo que temos, aproximadamente, oração adverbial final (5), completiva nominal (6), objetiva indireta (7), subjetiva (8) e praticamente integrada em uma locução verbal com possível auxiliar modal (9). São encontradas também em Florianópolis construções em que *para* se alterna com *de*, em contextos modais de possibilidade:

- (10) A gente estava fazendo a casa, ou dava *de* pagar o pedreiro, ou dava *de* comprar o material e agora ultima-

³ O nível de vinculação sintática é observado na hierarquia dos constituintes, visualizada, por exemplo, num diagrama arbóreo.

⁴ Complementizador é aqui entendido, nos termos de Noonan (1985), como partícula que funciona para identificar a entidade como um complemento, sendo este correspondente a um argumento de um predicado (podendo, portanto, ser objeto ou sujeito), ou a um complemento nominal.

⁵ Com relação ao surgimento do valor complementizador é pertinente o questionamento de Martelotta (comunicação pessoal) sobre a relação entre as formas *para* e *para que*: a redução caracterizada no uso de *para* seria resultado da construção desenvolvida codificada com *para que*? Essa questão será tratada em outra ocasião.

mente já não dava mais nem *pra pagar* o pedreiro (FLP 20, L532)

As sentenças complexas do tipo exemplificado em (5-10) são analisadas a seguir.

3. Análise e discussão

Para evidenciar os diferentes graus de integração e, correlacionados a esses, os graus de gramaticalização, ambos resultantes da trajetória conjunta do item verbal *dar* e do conector *para*, foram controlados os seguintes fatores: a) função sintática da oração vinculada; b) tipo sintático-semântico de verbo matriz; c) explicitude do sujeito; d) correferencialidade do sujeito; e) material interveniente. O tipo de função sintática foi tomado como variável de referência e os demais critérios foram testados com cada um desses tipos, para verificar os respectivos graus de integração e então compará-los a partir desses resultados.⁶

Foram encontradas 49 ocorrências de construções com *dar* seguido de infinitivo, categoricamente pospostas (com apenas um dado de anteposição). Dessas, 76% (37 dados) apresentaram-se como *para INF* e 24% (12 dados) exibem *de INF*, conforme exemplificado em (10).

3.1 Vinculação sintático-semântica

Quanto à função sintática da construção introduzida por *para/de*, os dados mostram a seguinte distribuição, por frequência.

	Subjeti- va	Híbrida	Obj. Ind	Adv.	Compl. N.	V princ.	Total
Nº de ocor.	21 43	13 27	6 12	4 8	3 6	2 4	49 100
%							

Tabela 1: Distribuição das construções *para/de INF* por função sintática (V *dar*)

Veja-se que o índice mais alto concentra-se nas orações subjetivas (43%), seguido pelas híbridas (27%), assim denomi-

⁶ Martelotta & Silva, 1999 atestaram, no *corpus Discurso & Gramática*, a hipótese de que há usos de cláusulas finais que refletem processos de gramaticalização.

nadas pela falta de nitidez em seu comportamento sintático, conforme explicitado abaixo. Registram-se apenas 8% de orações adverbiais e 4% de construções fortemente integradas que se comportam como locuções verbais.

Foram consideradas subjetivas todas as ocorrências em que não havia outro candidato a sujeito de *dar*, como as seguintes. Observe-se que em (12) a oração aparece anteposta:

(11) Eles [navios] entravam ali, dependendo do tempo. Se não desse de entrar na Baía Sul, eles vinham pra Baía Norte (FLP 24, L1068)

(12) Não fui mais (...) porque *pra mim sair à meia-noite* não dá, né? (FLP 7, L642)

Na categoria de híbridas foram incluídas construções do tipo:

(13) Não dou *pra me permitir* esse tipo de educação (FLP 18, L1009)

(14) Tem um monte de coisa na cozinha que dá *pra fazer*, né? (FLP 1, L701)

Em (13), pode-se pensar que a oração introduzida por *pra* funciona como complemento de *dar* (= 'ter jeito'). Por outro lado, a presença do sujeito ('eu') favorece também uma leitura de *dou* como modal (= 'posso'). No impasse entre considerar *pra permitir* como oração objetiva indireta ou como verbo principal de uma locução, portanto como oração matriz, optou-se por tratá-la como uma categoria híbrida, já que apresenta traços dos dois tipos.

Em (14), num primeiro momento tende-se a analisar *pra fazer* como oração subjetiva; entretanto o relativo *que* apresenta-se como candidato a sujeito de *dá*, caso em que este último item pode ser interpretado como auxiliar modal de passiva (= 'pode ser feito'). Daí as possíveis leituras de (14): a) *pra fazer* X *dá*; b) X pode ser feito.

Nos enunciados a seguir, *dar* comporta-se claramente como auxiliar modal, fato reforçado pela retomada 'não pode viver' em (15). Já (16) pode ser parafraseado por 'a gente podia repetir'⁷.

⁷ No exemplo (16), *dar* é considerado auxiliar aspectual na análise formal proposta por Pires de Oliveira (2000), contrapondo-se à análise funcionalista dos

- (15) Eu acho que *um pobre assalariado*, vamos ter pena seu Collor, não *dá de viver*, não pode viver assim (FLP 7, L603)
- (16) A gente ia almoçar no grupo, né? Praticamente almoçava porque a gente *dava pra repetir*, né? Pra repetir uma, duas vezes (FLP 18, L350)

Nos dois exemplos acima, o verbo no infinitivo funciona não como oração reduzida, mas como verbo principal fortemente integrado ao auxiliar precedente. Observe-se que *dar para/de* parece comportar-se como o auxiliar *ter que/de*, o primeiro como modal de possibilidade e o segundo, de obrigação.

As orações completivas nominais também mostram uma certa opacidade sintática, oscilando entre uma vinculação de complemento nominal ou adverbial:

- (17) ... ia ver se eles *davam uma força*, né? *pra operar*, pra não deixar assim aquelas cicatrizes (FLP 3, 935)

Na sentença complexa acima, o nome abstrato *força* parece requerer complementação; a idéia de finalidade contida em *pra operar*, entretanto, é responsável pela dúvida gerada na classificação. Não obstante, predominou a interpretação como completiva nominal. Este exemplo traz *dar* atuando como verbo-suporte, sendo semanticamente vazio ('dar uma força' = 'ajudar') (Neves, 1996).

As objetivas indiretas e as adverbiais, de classificação menos opaca, são ilustradas em (7) e (3), respectivamente, reapresentadas abaixo como (18) e (19):

- (18) O meu dinheiro *dava pra gente viver* bem (FLP 13, L411)

- (19) Ele nos deu a carta *pra todos nós ler* (FLP 12, L554)

Considere-se que, apesar de se ter isolado uma classe tida como de estatuto mais nebuloso sob o rótulo de 'híbridas', as demais também não apresentam uma função sintática totalmente transparente. Esta característica de escalaridade e superposição é um indicativo do processo por que passam as construções em questão, possivelmente até que, pelo menos algumas, se estabeleçam como categorias sintaticamente delimitadas.

dados aqui desenvolvida. Devo registrar que não encontrei no corpus analisado nenhuma ocorrência que pudesse classificar como aspectual, do tipo: *Ultimamente ele deu pra chegar tarde*. (dar = começar. Exemplo inventado)

Quanto ao tipo sintático-semântico do verbo matriz, observaram-se os seguintes fatores: *dar* com sentido de 'oferecer', 'ser suficiente', 'ser possível', 'poder'; e *dar* como verbo suporte. Com esta variável tenciona-se evidenciar que o verbo *dar*, em seu leque polissêmico de realizações, é responsável pelo controle de dependência da oração vinculada. Vejam-se os resultados:

	Subje- tiva	Híbrida	Obj. Ind.	Adv.	Compl. N	V princ.	Total
'Ofere- cer' N° / %	-	1/20	-	4/80	-	-	5
'Ser sufic.' N° / %	-	-	6/100	-	-	-	6
'Ser poss.' N° / %	21/63	12/37	-	-	-	-	33
'Poder' N° / %	-	-	-	-	-	2/100	2
V su- porte N° / %	-	-	-	-	3/100	-	3

Tabela 2: Distribuição das construções *para/de* INF de acordo com o tipo de verbo *dar*, por função sintática

Há uma correlação muito forte entre o estatuto sintático de *para/de* INF e o tipo sintático-semântico de *dar*, de modo que se pode estabelecer quatro grupos a partir do grau crescente de abstratização do verbo matriz: a) aquele em que *dar* tem acepção de 'oferecer' – predomínio de orações adverbiais (verbo bitransitivo com objeto concreto); b) outro em que *dar* equivale a 'ser suficiente', 'basta' – correlacionado a orações subordinadas objetivas indiretas (verbo transitivo indireto); c) um terceiro no qual *dar* atua como verbo-suporte – integra orações completivas nominais (com objeto abstrato); e d) um último em que *dar* significa 'ser possível' ou 'poder' – abriga orações subjetivas, locuções verbais e construções com estatuto indefinido ou híbrido (verbo intransitivo ou auxiliar). O último grupo é diferenciado dos demais por algumas características: pelo traço de modalidade que o identifica, pelo comportamento mais indefinido que apresenta constituindo-se internamente num *conti-*

num de integração, pela possibilidade de intercambiar *para* por *de* e pela frequência de uso (71% das ocorrências analisadas).

3.2 Explicitude e correferencialidade do sujeito

Para avaliar o primeiro parâmetro foram controlados os fatores: sujeito explícito, não explícito e com superposição de funções, este último fator exemplificado a seguir:

- (20) As enfermeiras deram um quarto lá [pra nós] dormir (FLP 3, L901)
- (21) Recebia pensão do meu marido que dava [pra gente] sobreviver (FLP 8, L236)

Os constituintes delimitados nas sentenças podem ser vistos como complementos do verbo *dar* e/ou como sujeitos dos respectivos infinitivos. No primeiro exemplo, *para* dativo absorve também o traço de finalidade resultando uma oração adverbial com um certo entrelaçamento; no segundo enunciado, predomina o dativo resultando uma oração objetiva indireta. Superposições como essas implicam um forte grau de integração da oração infinitiva à matriz. Já o sujeito expresso, como na sentença com encaixe subjetivo (22), seria indício de uma menor integração, ao contrário das construções sem sujeito explícito como (23):

- (22) Não dá pra gente namorar porque ela não quer (FLP 8, L853)
- (23) Não deu pra O comprar, era muito caro pra comprar (FLP 10, L440)

No controle da correferencialidade⁸ foram anotados separadamente os casos considerados duvidosos, como o seguinte:

- (24) Lá a galinha está setenta. Dá de aproveitar a setenta, né? (FLP 6, L868)

No exemplo acima, cujo estatuto sintático é híbrido (*de aproveitar* = sujeito de *dar*, ou *dá de aproveitar* = 'pode ser aproveitada'), o sujeito de infinitivo fica obscurecido, sendo que a segunda interpretação levaria à correferencialidade de sujeito.

⁸ Foram considerados correferenciais tanto os casos de correferencialidade total (de sujeito= 3) como parcial (com outro constituinte da oração matriz que não o sujeito= 4).

Os resultados para os dois parâmetros testados encontram-se na tabela abaixo.

	Explicitude			Correferencialidade		
	Não N/%	Sim N/%	c/ superp N/%	Sim N/%	Não N/%	Duvidoso N/%
Subjetiva	14/50	7/87	-	-	21/61	-
Híbrida	10/36	-	3/23	1/14	4/12	8/100
Obj. Indireta	-	-	6/46	2/29	4/12	-
Adverbial	-	1/13	3/23	1/14	3/9	-
Compl.	2/7	-	1/8	1/14	2/6	-
Nom.	2/7	-	-	2/29	-	-
V. Principal						
Total	28/100	8/100	13/100	7/100	34/100	8/100

Tabela 3: Explicitude e correferencialidade do sujeito de INF, por função sintática

A distribuição dos dados em termos de explicitude do sujeito é mais ou menos homogênea: 28 ocorrências de sujeito não expresso e 21 de sujeito expresso, com superposição de funções em mais da metade destes últimos. Note-se que com as subjetivas nunca ocorre sujeito com superposição de funções, e que no conjunto das que se situam no eixo da possibilidade (subjetivas, híbridas e locuções) predomina largamente a não expressão do sujeito, o que é um indicativo de sua maior integração, relativamente a este parâmetro.

A maioria dos dados em análise (67%) apresenta-se sem correferencialidade. Do ponto de vista da funcionalidade comunicativa, este fator poderia estar condicionando a expressão do sujeito; no entanto, na maioria dos casos não há sujeito preenchido (a não ser nos casos de superposição de funções). Assim, ausência de correferencialidade – um parâmetro normalmente associado a menor integração – co-ocorre com sujeito não expresso – normalmente associado a maior integração (Lehmann, 1988), neutralizando-se o efeito individual de ambos na maioria das ocorrências analisadas. Ressalte-se, todavia, que

os sujeitos, nesses casos, costumam ser semanticamente indeterminados⁹, como em:

(25) Na hora do pique mesmo não dá pra O pegar ônibus (FLP 10, L896)

3.3 Material interveniente

A maioria das construções não exhibe outro material interveniente entre *dar* e *para/de* INF que não seja o sujeito (22 dados sem e 15 dados com sujeito); mantêm-se neste grupo as locuções, as híbridas e as subjetivas. Todas as objetivas indiretas apresentam sujeito expresso com superposição de funções. As demais trazem outros constituintes entre o verbo matriz e a construção infinitiva. Este parâmetro reforça a distribuição escalar já esboçada.

4. Considerações finais

Os parâmetros relativos a estatuto sintático, tipo de verbo, explicitude e correferencialidade do sujeito e material interveniente apontam para a seguinte distribuição escalar, de menor a maior integração semântico-sintática, considerando-se os grupos categorizados pelos traços semânticos apresentados pelo item verbal *dar*:

Grupo 1 ('oferecer'):

ADV: (35) Ele nos deu a carta pra todos nós ler (FLP 12, L554)

(36) As enfermeiras deram um quarto lá pra nós dormir (FLP 3, L901)

Grupo 2 ('ser suficiente', 'bastar'):

OI: (37) O que eu ganho dá pra nós comer, dá pra nós viver (FLP 3, L562)

Grupo 3 (verbo-suporte):

CN: (38) O pai dava liberdade pra gente sair (FLP 4, L278)

⁹ No que se refere a preenchimento do sujeito de infinitivo em geral, em estudo anterior verificou-se, na fala, uma tendência a não explicitude do sujeito quando este é indeterminado (.67) e à sua expressão quando determinado (.66) (Gorski, 2000b).

Grupo 4 ('ser possível', 'poder'):

SUBJ: (39) Levam que não dá pra ninguém ver (FLP 4, 572)

(40) Na época dava pra comprar brinquedo, né? Hoje não dá mais (FLP 9, L25)

HIBR.: (41) Tem um monte de coisa na cozinha que dá pra fazer, né? (FLP 1, L701)

(42) Não dou pra me permitir esse tipo de educação (FLP 18, L1009)

(43) Não se brinca mais e tal, não dá de tomar conta (FLP 13, L100)

LOC: (44) Eu acho que um pobre assalariado, vamos ter pena seu Collor, não dá de viver não pode viver assim (FLP 7, L603)

Com relação a *para*, verifica-se que nos três primeiros grupos há traços superpostos: em 1) de dativo e de finalidade, o primeiro devido ao tipo sintático do verbo (*dar* X para Y) e o segundo porque projeta a situação para diante como propósito a ser cumprido; em 2) e 3) entra também o traço de complementizador; em 4) há predomínio do traço de complementizador nas subjetivas, com diminuição dessa função rumo a partícula agregada ao auxiliar (espécie de clítico). Pode-se dizer que esta é a trajetória de gramaticalização de *para* nos dados analisados. Com relação a *de*, sua alternância com *para* ocorre justamente no nível mais baixo da escala, quando há maior integração entre os elementos vinculados, tornando-se mais débil a presença de massa fônica entre as formas verbais.

Concomitantemente ao esmaecimento semântico de *para* e mudança no seu estatuto categorial, vão ocorrendo: a) a integração semântico-sintática da construção introduzida por este elemento à matriz (de oração adverbial final (hipotaxe), passando por orações complementos (subordinação) até chegar ao grau máximo de integração e gramaticalização em que a segunda oração assume traços de verbo principal de locução); b) a gradual abstratização de *dar*, com a passagem de estatuto de verbo lexical pleno para auxiliar.

Portanto, é a co-ocorrência desses três fenômenos gradientes (mudança de funções de *para*, abstratização crescente de *dar* com modificação de seu estatuto categorial, e aumento de

integração da segunda oração na primeira), conforme se observa na distribuição dos exemplos acima, que mostra a trajetória de gramaticalização na combinação de orações *dar para/de* INF. Acredito que essas constatações, válidas para o tipo específico de construção analisado, podem ser, de alguma forma, expandidas no sentido de atestar a hipótese geral formulada na introdução do artigo.

Referências bibliográficas

- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: T. GIVÓN (ed.). *Syntax and semantics*, vol.12: *discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979.
- GORSKI, Edair. Construções *dar para/de* + INFINITIVO: um caso de gramaticalização. *III Encontro do CelSul*. Porto Alegre, PUC-RS. Agosto/1999.
- _____. Níveis de integração de cláusulas *para* + INFINITIVO. *Estudos lingüísticos (GEL)*, v.29. São Paulo, 2000a.
- _____. Variação no uso do infinitivo pessoal. *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, 2000b. (a sair)
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: E. TRAUOGOTT & B. HEINE (eds.), 1991.
- HOPPER, Paul & TRAUOGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: J. HAIMAN & S. THOMPSON (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: J. Benjamins, 1988.
- MARTELOTTA, Mário E. & LIMA, Simone Silva de. Processos de gramaticalização envolvendo cláusulas finais. *Relatório de Pesquisa ao CNPq*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- MEILLET, A. (1912) L' évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12, n° 26, 6. Reimpresso em MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1965.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: I.V. KOCH (org.) *Gramática do*

português falado, v.VI. Campinas (SP): Editora da Unicamp/FAPESP, 1996.

- NOONAN, Michael. Complementation. In: T. SHOPEN (ed.) *Language typology and syntactic description*, v.II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. A expressão 'dar para/de Infinitivo' em PB: uma análise formal. *XLVIII Seminário do GEL*. Assis, SP. Maio/2000.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1964.
- TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. vol. I. Philadelphia: J. Benjamins, 1991.